

No Brasil, estudar cultura brasileira “é” o mesmo que estudar estudos culturais?¹

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²
Edgar César Nolasco³

Resumo: Certa vez em viagem a Nova York para proferir mais uma de suas muitas conferências, ao avistar no horizonte a cidade, Sigmund Freud proferira a assertiva: “Ah se eles soubessem que eu vim trazer a peste!”. Por amnésia não me lembro onde li esta passagem. Mas o fato é que, querendo me valer dessa afirmativa foucaultiana, quero pensar que os Estudos Culturais, por vários críticos da tradição acadêmica brasileira, tiveram sua introdução compreendida como uma peste para os Estudos Literários. Neste sentido,

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa maior que o autor desenvolve e que faz parte de uma primeira publicação intitulada – Ensino de Artes x Estudos Culturais: para além dos muros da escola. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010 – a sair no segundo semestre de 2010. A paráfrase que o título pretende alcançar parte da ideia fundada por Antonio Candido de que “estudar Literatura Brasileira era o mesmo que estudar Literatura Comparada” desenvolvida na segunda parte deste ensaio.

² UFMS – Mestrando – marcosbessa2001@uol.com.br. É Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens, graduado em Artes Visuais – Licenciatura – Habilitação em Artes Plásticas ambos pela UFMS, foi bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq – durante todo o seu curso de graduação e hoje é Bolsista da CAPES. Tanto nos projetos de Iniciação Científica como no atual projeto de Dissertação de Mestrado desenvolve pesquisa sobre a relação entre pintura e literatura na obra da escritora Clarice Lispector, sob a orientação do Professor Doutor Edgar César Nolasco. Membro do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados – UFMS.

³ É professor dos Programas de Mestrado – PPGMEL-CCHS e PPGML-CPTL – na UFMS. Coordenador do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados – UFMS.

embasados nos postulados teórico-críticos – históricos e contemporâneos – dos Estudos Culturais nosso trabalho pretende discorrer sobre a chegada da “peste” no Brasil, bem como a “desordem” que causa sua aplicabilidade em alguns campos disciplinares das academias brasileiras. Uma vez que no Brasil, parece haver um consenso crítico, independente da vertente que concorde ou não com a ideia de que *a literatura brasileira é galho da literatura portuguesa*, que a entrada *pela porta da frente* dos Estudos Culturais aqui se deu no Seminário da ABRALIC de 1998.

Palavras-chave: Estudos culturais, Cultura brasileira, Literatura comparada.

Abstract: Once in a travel to New York to pronounce other conference, to sight in the horizon the city, Sigmund Freud pronounced the sentence: “If they knew that I came here to bring the plague!” By amnesia I do not know where I read this sentence. But the fact is that, I want to use this Foucault affirmative, I want to think that the Cultural Studies, by many review of the tradition Brazilian academic, had their beginning understood as a plague to the Literacy Studies. On this meaning, basing on the theoretical-review postulate – historical and contemporary – of Cultural Studies our article aims to discuss about the “plague” arrival to Brazil, also the “disorder” that cause its applicability in some disciplines grounds of the Brazilian academies. In Brazil, it seems to be a review agreement, independent of slope that agree or not with the idea of the Brazilian literature is the branch of the Portuguese literature, that the entrance by the front door of the Cultural Studies here is happened on the ABRALIC workshop of 1998.

Keywords: Cultural Studies; Brazilian Culture; Comparative literature.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram

expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento.

(Stuart Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 38-39)

Estudos de cultura por estudos de literatura

A discussão sobre o que viria a ser os Estudos Culturais, *grosso modo*, se inicia entre as décadas de 1950 e 1960, com uma problemática indagação que, *a lá* Clarice Lispector, travestida de Macabéa, foi feita também em meados da década de 1970: “que quer dizer cultura?” (LISPECTOR, 1981, p. 61). Longe de tentarmos aqui responder a tão difícil pergunta, que “congestiona o trânsito” nos debates acadêmicos, principalmente nas humanidades, salientamos que nossa proposta neste trabalho é apenas historicizar a, como até hoje é chamada, *antidisciplina* Estudos Culturais. Mas considerando que a própria rubrica da “disciplina” traz a palavra “cultura” imbricada nela, não poderemos deixar de mencionar o termo cultura fora dessa rubrica.

Para esse levantamento histórico a que nos propomos, a fim de responder a nossa própria pergunta: afinal, o que quer dizer Estudos Culturais então?, valemo-nos de alguns teóricos brasileiros e suas respectivas obras, considerados representantes expressivos da *prática* da *antidisciplina* no Brasil. A exemplo: Maria Elisa Cevalco, com o livro *Dez lições sobre estudos culturais* (2008); Tomaz Tadeu da Silva, organizador das obras *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação* (1995); *O que é, afinal, Estudos Culturais?* (2004), título, aliás, de onde parafraseamos o título do capítulo de um trabalho maior⁴; e

⁴BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio, *Ensino de Artes x Estudos Culturais: para além dos muros da escola*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010. (Livro no Prelo).

Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais (2007), e *O sujeito na educação: estudos foucaultianos* (2008); Edgar Cézár Nolasco, com o livro *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector* (2007), *Cadernos de Estudos Culturais: estudos culturais, editor* (2009) e o texto *Estudos culturais hoje* (texto inédito no prelo);⁵ e ainda dos estrangeiros considerados os “pais” dos Estudos Culturais, Stuart Hall, autor do livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2004), e Raymond Williams, com os livros *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade* (2007) e *Cultura* (1992), além de outros autores que foram aparecendo no decorrer deste trabalho.

É um consenso entre a crítica amparada pelos Estudos Culturais que essa “disciplina” nasceu da necessidade de se combater um conceito dualista de cultura imperante até a década de 1960. Conceito de Cultura com “C” maiúsculo, que só reconhecia como tal as produções elitistas eruditas e, por conseguinte, excluía desse conceito hegemônico as “culturas” tidas como menores, as das classes trabalhadoras, a cultura popular escrita com “c” minúsculo.

Concordam ainda estes especialistas culturalistas que as obras fundadoras dos Estudos Culturais foram as primeiras publicadas por Richard Hoggart (*The uses of literacy* (1958)) e a de Raymond Williams (*Culture and society* (1958))⁶ na cidade de Birmingham, Inglaterra. Nascidos no seio da disciplina de estudos literários, os Estudos Culturais são gerados em salas de aula de Educação para Adultos, “[...] como forma de melhor encampar a cultura [das

⁵ Pode-se perceber uma das características práticas dos Estudos Culturais nesta leitura que propomos: valer-se de teóricos e teorias oriundas das diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, aqui valemo-nos de estudiosos da Letras, Educação, Crítica Biográfica, Crítica Cultural, entre outros.

⁶ Todos os teóricos antes aqui citados trazem estes autores e obras como os fundadores dos Estudos Culturais na Inglaterra. Porém outros estudiosos ainda destacam como fundador, além de Hoggart e Williams, Edward P. Thompson na obra *The Making of the English Working Class* (1963). Ver CEVASCO. Dez lições sobre estudos culturais, p. 60.

massas] com todas as diferenças que a constituem como cultura num determinado contexto” (NOLASCO, 2009, p. 40). Constatamos então que o fato de uma teoria voltada para horizontalizar as relações entre as “diferentes” culturas naquele contexto inglês do pós II Guerra Mundial, baseada nas *aulas de Educação para Adultos* e gerada como um “câncer maligno” no interior de uma disciplina acadêmica tradicional como eram os estudos literários, só poderia ser mesmo reconhecida como um *empreendimento marginal*, como bem observa Maria Elisa Cevasco:

[...] os estudos culturais começaram como um empreendimento marginal, e começaram não porque este ou aquele intelectual os inventou, mas a partir da necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade. Além de terem escritos grandes livros, Hoggart, Thompson e Williams foram professores da Workers’ Educational Association (WEA), uma organização de esquerda para a educação de trabalhadores. Ensinar nesse tipo de instituição era mais uma intervenção política do que uma profissão (CEVASCO, 2008, p. 62).

Se a premissa de uma *Educação Política* naquele contexto, como observa Cevasco, já era uma urgência, pensemos em nossos dias onde as relações de Poder ainda são as balizantes nos ensinamentos escolares quase de modo geral. Nesse sentido, é compreensível quando esses mesmos especialistas de linhagem culturalista sugerem que o ensino nas academias, em quase toda sua totalidade, vise uma perspectiva *transdisciplinar* para tentar atender ao maior número possível das especificidades existentes em uma sala de aula. Já que essas mesmas salas de aula são formadas por sujeitos cuja identidade não é *coerente e unificada*, mas em constante formação, como salienta Stuart Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2004, p. 13).

Mas se, por um lado, os Estudos Culturais se apresentam como uma *antidisciplina* disposta a co-relacionar as diferenças culturais da sociedade como um todo, por outro, eles não tendem, ao menos não é essa a intenção, considerar-se uma disciplina capaz de conseguir resolver o problema de distanciamento hoje existente entre a academia e a sociedade. Na contramão de muitas disciplinas acadêmicas, os Estudos Culturais pretendem um diálogo unificado entre a sociedade e a academia, a fim de propor alterações substanciais no modo dessa sociedade, através das teorias já formuladas na academia, mais as alterações nos modos de operá-las, além de perceber, compreender e, principalmente, respeitar o outro nas suas diferenças culturais.

Nesse sentido, a intenção dos Estudos Culturais, desde sua gênese, é de propor reformulações nas bases pedagógicas de caráter historicizante, suprindo assim “[...] as necessidades intelectuais de uma nova configuração sócio-histórica” (CEVASCO, 2008, p. 7), percebidas em nossos dias. Inclusive o fenômeno, como define Cevasco, se expandiu ao ponto de hoje os Estados Unidos serem considerados “o foco” maior da contemporaneidade das teorias culturalistas e não mais a Inglaterra, berço do seu nascimento. Ou seja, as Metodologias e as teorias devem e tendem a ser reformuladas de acordo com o seu objeto de estudo e o seu tempo de empregabilidade, podendo possibilitar uma melhor avaliação/interpretação das especificidades de cada manifestação cultural:

Diferentemente da antropologia tradicional, entretanto, [os Estudos Culturais] [...] se desenvolveram a partir de análises das sociedades industriais modernas. Eles são tipicamente interpretativos e avaliativos em suas Metodologias, mas diferentemente do humanismo tradicional, eles rejeitam a equação exclusiva de cultura com alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas (NELSON; TREICHLER; & GROSSBERG, 1995, p. 13).

Nessa perspectiva podemos dizer que os Estudos Culturais se sustentam por uma articulação teórica que, além de não priorizar nenhuma teoria, não se deixa cooptar por nenhum discurso castrador ou hegemônico, estatal ou mesmo privado. Para os Estudos Culturais, desde os pensamentos fundadores de Williams, Hoggart, Thompson e de Hall, “[...] a cultura [é entendida como] uma forma completa de vida, material, intelectual e espiritual” (WILLIAMS, *apud* NELSON; TREICHLER; & GROSSBERG, 1995, 14).

Preocupados com aquele conceito de cultura que ali se erigia, tais estudiosos culturalistas, na década de 1950, fundaram o “[...] Center for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham [Inglaterra] – o primeiro programa de pós-graduação em estudos culturais [...]” (CEVASCO, 2008, p. 60). A discussão sobre cultura passou a se dar também na ordem inversa. Ou seja, de baixo para cima, da classe trabalhadora para a classe elitista da alta cultura, posto que o conceito de cultura elitista arraigado na elite dominante não poderia ser levado adiante. Sobretudo, se considerada as transformações culturais pelo contexto atravessado pelas mudanças da sociedade industrial que era bombardeada pelas culturas de massas emergentes naquela sociedade, de forma cabal e definitiva, pois as massas culturais romperam passagens e continuam rompendo lugares socioculturais.

Segundo Cevasco, esse conceito elitista de cultura, único, que perdurava até o surgimento da disciplina Estudos Culturais, veio sendo modificado sutilmente ao longo de sua história. O problema, como aponta a estudiosa na esteira de Williams, é que essas mudanças sempre eram sugeridas e defendidas pelas classes dominantes e renegadas aos menos favorecidos.

Em um brevíssimo *apanhado* sobre a questão, Cevasco esboça um percurso do conceito de cultura imperante até a época do surgimento das ideias culturalistas, as quais mais parecem um roteiro de filme *hollywoodiano* sobre culturas:

O fato de, em especial ao longo do século XIX, a palavra [cultura] ter adquirido uma conotação imperialista (“civilizar os bárbaros” era um mote que justificava a conquista e a explosão de outros povos) contribuiu para a virada de sentido. É nesse processo que “cultura”, a palavra que designava o treinamento de faculdades mentais, se transformou, ao longo do século XIX, no termo que enfeixa uma reação e uma crítica – em nome dos valores humanos – à sociedade em processo acelerado de transformação. A aplicação desse sentido às artes, como as obras e práticas que representam e dão sustentação ao processo geral de desenvolvimento humano, é preponderante a partir do século XX.

Em meados desse século os sentidos, preponderantes da palavra eram, além da acepção remanescente na agricultura – cultura de tomates, por exemplo –, o de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético: um modo de vida específico; e o nome que descreve as obras e práticas de atividades artísticas (CEVASCO, 2008, p. 10-11).

Nas últimas frases de Cevasco a respeito do processo de *mutação* do conceito de cultura, percebe-se, então, o que seria o entendimento do conceito de cultura para os Estudos Culturais, conforme formulado por Williams e Hoggart. Mas antes, como mostra bem a autora, ora entenderam a cultura como “[...] um absoluto, um domínio separado das relações reais e materiais” (Matthew Arnold)” (CEVASCO, 2008, p. 18); ora acreditavam que “[...] a cultura era posse de uma minoria, que deveria preservar os valores humanos e difundir-los por meio da educação, como forma de minorar os males da civilização moderna” (F. R. Leavis)” (CEVASCO, 2008, p. 19); e ora pensavam-na como a “[...] cura dos males da sociedade contemporânea, [...] [como] um sistema hierárquico que, lido hoje, dá notícias da força da ideologia de raça e indivíduos superiores [...]” (T. S. Eliot)” (CEVASCO, 2008, p. 19).

⁷ Sobre o assunto em questão, bem como a história da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada vale conferir o site da ABRALIC disponível em: www.abralic.org.br.

Nossa produção artístico-cultural é nacional ou universal?

[...].

O meu pai era paulista

Meu avô, pernambucano

O meu bisavô, mineiro

Meu tataravô, baiano

Vou na estrada há muitos anos

Sou um artista brasileiro.

CHICO BUARQUE DE HOLANDA. Paratodos. In: *CD Paratodos*. 1993, faixa 1.

Em 1946, o crítico Antonio Candido dissera que *estudar Literatura Brasileira era o mesmo que estudar Literatura Comparada*. Essa assertiva do crítico foi confirmada no Seminário da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada –, realizado no ano de 1986. Doze anos depois (1998), a temática central do seminário girava em torno da discussão – Literatura Comparada = Estudos Culturais?.

Nesse sentido, pensamos como certas as palavras de Candido, considerando que tratar a cultura brasileira a partir de nossas produções artístico-literárias – um dos objetos de estudos naquela época da disciplina de Literatura Comparada – pode ser o mesmo que estudar Estudos Culturais. Mesmo que no período entre meados dos anos 1940 ainda prevalecesse entre os estudiosos de Literatura Comparada uma dicotomia crítica entre Cópia X Modelo X Cópia. Já tal afirmação mostra que as leituras críticas já não se apegavam meramente ao texto literário. Logo, havia uma expansão das análises críticas as quais consideravam outros quesitos como forma de leituras literárias, a exemplo: contextos sócio-históricos, relações pessoais culturais, identidades, inter-relações etc.

Com base no exposto, podemos afirmar que os Estudos Culturais já se faziam presentes no Brasil exatamente na mesma época em que eram formuladas suas bases na Inglaterra por seu representante maior Raymond Williams. No Brasil, parece haver um consenso crítico,

independente da vertente que concorde ou não com a ideia de que *a literatura brasileira é galho da literatura portuguesa*, que a entrada *pela porta da frente* dos Estudos Culturais aqui se deu no Seminário da ABRALIC de 1998.

Acreditamos nessa possibilidade relacional entre o que se produzia de crítica literária aqui no Brasil com o que pensava Williams na Inglaterra, em meados da década de 1950, sobre a criação de um estudo de cultura, levando-se em conta que ambas as reflexões teóricas se davam na intenção de formular um estudo voltado para a compreensão e a reformulação do que se afirmava ser as culturas “menores”. Mas com uma diferença: na Inglaterra, valeu-se da classe trabalhadora para se discutir o conceito de cultura elitista, enquanto no Brasil partiu-se da literatura nacional. Tendo sempre em mente, é claro, que no Brasil o processo de repensar as questões culturais se deu a partir da tentativa de resolver o dualismo entre cópia e modelo, enquanto na Inglaterra a questão pertinente era se fazer “conhecer” as culturas e suas práticas populares.

Maria Elisa Cevasco que “partilha” da ideia da produção artístico-cultural brasileira como *subtração* da europeia:

No caso da crítica-cultural, que mais de perto interessa à exposição de uma pista possível para o desenvolvimento dos estudos culturais no Brasil, essa dialética entre as peculiaridades do Brasil e a história do capitalismo na sua dinâmica internacional foi explicitada pelo próprio Roberto Schwarz. [Atravessada pela crítica culturalista] sabemos que um tema definidor da cultura brasileira se desenvolve em torno da dualidade nacional/ estrangeiro, onde o nacional é sempre, para usar outra fórmula do crítico, por subtração (CEVASCO, 2008, p. 182).

Já Eneida Maria de Souza defende a *tendência* crítica “a favor da cópia” sem remorso nenhum de *traição* ao modelo:

Essa prática, voltada para o exame particular do texto, para os detalhes de construção e as minúcias de efeitos de linguagem, continua a ser um de nossos grandes trunfos. Com a retomada de pesquisas inseridas num projeto mais abrangente e em perspectiva — em que se diminui

o valor profundidade analítica e se concentra no olhar horizontal e em superfície —, ampliam-se os horizontes da leitura textual, atingindo-se dimensões de natureza cultural.

A abordagem intercultural revitalizada pela pesquisa comparativista [atravessada pela crítica culturalista] encontra na prática tradutória, inaugurada pelos ensaístas e poetas paulistas, uma das formas mais convincentes para que sejam redimensionadas essas relações. A tradição das literaturas nacionais se enriquece diante da possibilidade de trair modelos e de repensar origens (SOUZA, 2002, p. 43).

Posto isso, mesmo com a dicotomia existente nas duas vertentes de Estudos Culturais no Brasil, percebe-se que ambos os Estudos, tanto o inglês quanto o brasileiro, têm a mesma preocupação e “[...] o desejo de intervenção para mudar a sociedade, e de uma intervenção prática” (CEVASCO, 2008, p. 158), mesmo que cada vertente quisesse, nas suas respectivas diferenças, fazer alterações no modo de pensar a sociedade. Mas como bem observa Williams, os Estudos Culturais, por ele antes pensados, têm entre seus objetivos:

[...] levar o melhor que se pode produzir em termos de trabalho intelectual até pessoas para quem esse trabalho não é um modo de vida, ou um emprego, mas uma questão de alto interesse para que entendam as pressões que sofrem, pressões de todos os tipos, das mais pessoais às mais amplamente políticas – se estivermos preparados para assumir esse tipo de trabalho e revisar os programas e a disciplina da melhor maneira possível, nos locais que permitam esse tipo de troca, então os estudos culturais têm um futuro efetivamente notável (WILLIAMS, *apud* CEVASCO, 2008, p. 156).

Na esteira de Williams, postulamos o seguinte: enquanto essa “briga de cachorros grandes” brasileiros tiver continuidade com a intenção de enriquecer o discurso crítico-cultural brasileiro acerca das questões culturais nacionais, que vamos ao próximo *round*! Caso contrário – e o que de fato não dá mais para se fazer – classificaremos a produção nacional em cópia ou modelo, importado ou nacional, reprisando discursos já hegemônicos em nível nacional, como vinil arranhado tocando em vitrola velha.

Afinal, parece ser um consenso crítico de nosso país ainda não saber resolver e responder a questões duplicadas entre nacional/universal que, inclusive, podem ser encontradas nestas manifestações atuais: “o ano do Brasil na França”; “o ano da França no Brasil”; a maior festa popular do planeta, o Carnaval carioca, ainda se valem de ícones estrangeiros para ilustrá-los; de Oiapoque a Chuí no Brasil as festas culturais populares ainda terem traços de estrangeirismos que não representam nada às novas gerações; nas favelas de todo o país as armas serem provenientes de vários países do Oriente Médio; algumas culturas estrangeiras serem mais privilegiadas que outras no Brasil; ainda se aterem na descrição do folclore como seu representante primeiro aquele *folk*; autores nacionais se valerem de culturas estrangeiras para produzir suas obras literárias; e tantos outros “rastros” estrangeiros presentes no que é dito Brasil. Essas são algumas das questões que ainda estão por ser devidamente discutidas e analisadas, nas suas diferenças e particularidades.

Sobre essa questão, referência estrangeira no carnaval brasileiro, vale recorrer aos sites das Escolas de Samba; no Rio de Janeiro G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio cujo enredo era VOILA, CAXIAS! PARA SEMPRE LIBERTÉ, EGALITÉ, FRATERNITÉ. MERCI BEAUCOUP, BRÉSIL! NÃO TEM DE QUÊ!⁸ Já em São Paulo a Escola de Samba G.R.S.C.E.S. Pérola Negra cujo enredo era “...GUIADO POR SURYA PELOS CAMINHOS DA ÍNDIA EM BUSCA DA PÉROLA SAGRADA”.⁹ Ambas referências são do Carnaval do ano de 2009.

⁸ Disponível em: <http://www.academicosdogranderio.com.br/index2.htm> – acesso em: 23 de fevereiro de 2009.

⁹ Disponível em: <http://www.gresperolanegra.com.br/> - acesso em: 23 de fevereiro de 2009 – ambas do Carnaval do ano de 2009.

A título de ilustração, para “encerrarmos” essa sessão de filme *hollywoodiano*, vale ressaltar os livros considerados fundadores do discurso crítico-cultural no Brasil. Segundo Cevasco, “como lembra Candido, sua geração aprendeu a ‘refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo (...) em função de três livros’” (CANDIDO, *apud* CEVASCO, 2008, p. 178), os quais são vistos também pela outra vertente da crítica cultural como seminais dos Estudos Culturais no Brasil:

[...] *Casa-grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre (1900-1987), o vasto tratado das relações inter-raciais no país da mestiçagem; *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), uma leitura progressista da cultura brasileira estruturada a partir de uma “exemplar interpretação desmistificadora do passado aliada a um senso democrático do presente (CANDIDO, *apud* CEVASCO, 2008, p. 179)”. O terceiro livro é *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), de Caio Prado Junior. Escrito de uma perspectiva claramente marxista, representa o resultado intelectual dessa formação de uma nova esquerda não-dogmática (CEVASCO, 2008, p. 187-179).

Lembramos que, se por um lado, essas obras são consideradas fundadoras dos Estudos Culturais no Brasil por ambas as vertentes crítico-culturais brasileiras, por outro, já não se pode dizer que estão de acordo com relação às análises críticas feitas por cada uma delas.

Podemos inferir que, mediante o exposto até aqui, se estudar *Literatura Brasileira era o mesmo que estudar Literatura Comparada*, como bem dissera Antonio Candido, podemos dizer que estudar literatura brasileira já era estudar cultura brasileira. Isso porque a produção literária brasileira da época já se voltava para questões mais localizadas no Brasil. Nesse sentido, concordamos com Candido, considerando que a *Literatura Comparada*, ao menos a praticada à época, voltava-se para a literatura nacional e, por conseguinte, tratava da cultura brasileira. Por fim, podemos

afirmar que, se estudar *Literatura Brasileira* era o mesmo que estudar *Literatura Comparada*, ou seja, estudava-se a cultura brasileira através de nossa literatura, o mesmo vale-nos para continuar afirmando que estudar *Literatura Brasileira* é o mesmo que estudar *Literatura Comparada*. Logo, estudar as duas é o mesmo que estudar a cultura brasileira, que é o mesmo que estudar Estudos Culturais.¹⁰

¹⁰ Se nossa ideia inicial – desde o título deste ensaio – parte da paráfrase a Antonio Candido, posso, ainda, deduzir que – às vésperas de um encontro da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), cuja temática é *Literatura Comparada Hoje* –, época que foi escrito este trabalho, o crítico Antonio Candido fosse fazer outra assertiva ele diria: Estudar *Literatura Comparada* é o mesmo que estudar Estudos Culturais! Portanto, o uso irrestrito do verbo “estudar” em diferentes conjugações no último parágrafo demanda a compreensão dessa paráfrase decorrente em todo ensaio, como também alerta à crítica na contemporaneidade da importância de abrir-se para outros e novos estudos para pensar a cultura nacional brasileira.

Referências

- CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: estudos culturais. v. 1, n. 1. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2009.
- CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: literatura comparada hoje. v. 1, n. 2. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2009.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4.^a edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Ática, 1999. (Série Princípios).
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. 2.^a ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3. ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.
- LOPES, Denílson. *A delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.
- NELSON, Cary, TREICHLER, Paula A., & GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação) p. 7-38.
- NOLASCO, Edgar Cézár. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2007.
- NOLASCO, Edgar Cézár. Estudos culturais hoje. In: _____. *babeLocal: lugares das miúdas culturas*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2009. p. 38-49. (livro no prelo)
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: _____. *Flores da escrivãzinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 91-99.
- SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios de dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. Apesar de dependente, universal. In: _____. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: _____. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 29-48.

_____. As ideias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5ª edição – 2000 (3ª reimpressão – 2007). São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. p. 9-32.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) e Tradução. *O que é, afinal, Estudos Culturais?*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Estudos Culturais, 2)

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação)

_____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SIMON, Roger I. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação) p. 61-84.

SOUZA, Eneida Maria de. Babel multiculturalista. In: *Cadernos de Estudos Culturais*. v. 1, n. 1 (2009). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009. p. 17-29.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. Nas Margens, a Metrôpole. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Divergências e convergência em literatura comparada*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004. p. 15-25.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Tradução de Sandra Guardini Vasconcellos. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Cultura*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.